

ACOLHIDA AO MIGRANTE

UM VALOR SAGRADO

*Ir. Analita Candaten, mscs **

BUSCA POR UM ESPAÇO DE ACOLHIDA

Em toda migração existe a experiência de um êxodo, um desenraizamento e isso implica uma separação da terra natal, das raízes, da cultura, dos afetos familiares e dos amigos e o migrante sempre corre o risco de abrir uma ferida incurável, um exílio sem retorno.

Muitos migrantes ao deixarem o seu país, ou o seu local de origem, enfrentam dias de viagens em condições subumanas em barcos, atravessando fronteiras, expondo-se a todo tipo de perigo e elevado é o número dos que sucumbem antes de chegar ao local de destino.

Entre as inúmeras dificuldades que encontram, o impacto com a nova realidade provoca no migrante diversas formas de desadaptação. Psicologicamente, sofre a solidão, a insegurança, as incertezas quanto ao futuro, o medo que seu projeto

migratório falhe. Sociologicamente, encontra dificuldade em integrar-se num ambiente novo, por motivos econômicos, culturais, associativos, logísticos e lingüísticos. Moralmente, a dificuldade de adaptação nasce do ambiente estranho, no qual seus hábitos e regras de vida não são mais sustentados pelas relações familiares e amigas. No âmbito religioso, depara-se com uma maneira diferente de expressar a própria fé, com as preocupações cotidianas que não deixam espaço à dimensão transcendente da vida, bem como, com as dificuldades de encontrar uma comunidade capaz de sustentar a sua fé e a prática religiosa.

A consistência dos fluxos migratórios e com eles a coexistência de grupos etnicamente diferentes, faz aumentar as novas religiões e faz crescer os conflitos culturais e religiosos, embora as novas religiões não sejam mais percebidas escandalosas ou traumáticas como no passado e, por isso, entram nas novas sociedades com mais facilidade.

As migrações estão desafiando a construção de uma sociedade integrada, no respeito e na defesa, não só dos direitos humanos, mas também dos direitos religiosos dos imigrantes. Isso requer não tanto a defesa de culturas e religiões contrapostas, quanto o empenho para o encontro das culturas e o diálogo inter-religioso, para favorecer, no respeito de cada um, a troca e o relacionamento na paz e na justiça.

O encontro e o enriquecimento entre culturas diferentes dão-se, não na renúncia da própria identidade, mas na busca de objetivos comuns ou de uma comum solidariedade. No passado, a cultura ocidental respondeu ao problema da diversidade com o princípio da tolerância, hoje, esse princípio não basta mais, porque a diversidade tornou-se a regra na sociedade atual. É necessário passar de um espírito de tolerância a um espírito de cooperação, partilha e solidariedade. O migrante, além de procurar um trabalho que lhe assegure um futuro para si e para sua família,

necessita também encontrar um espaço de acolhida, no qual possa organizar sua vida em perspectiva de paz e segurança e com fecundas relações sociais.

UMA NOVA RELAÇÃO COM O ESTRANGEIRO

Em nossa sociedade, quando o "outro" é visto com indiferença, com medo, à luz da fé, que elementos podem nos ajudar a acolher o migrante como um irmão que chega de longe e filho do mesmo Pai? Uma visão de fé nos possibilita ver o migrante como uma das categorias de pessoas que mereceu uma atenção especial no meio do povo de Israel e nas pregações e ações de Jesus, prática que continuou no decorrer dos séculos.

Israel diante dos estrangeiros

No livro do Deuteronômio, é freqüente o uso do termo *ger* para designar as pessoas miseráveis, como o órfão, a viúva, o levita, o pobre, o escravo, o assalariado e o estrangeiro. Toda a história dos patriarcas é uma migração, mas, ao mesmo tempo, vivida como uma peregrinação religiosa. Moisés, antes de entrar na terra prometida, recorda ao povo a sua condição de povo migrante numa espécie de confissão de fé (Dt 26,5-11). Essa memória é transmitida não apenas como dado histórico, mas como consciência crítica e solidária em relação a quantos se encontram vivendo como estrangeiros dentro dos confins de Israel. A solícita solidariedade para com o estrangeiro (imigrante) na tradição bíblica tem como referência fundamental essa memória das origens. O estrangeiro se torna para o israelita o memorial vivo do Deus misericordioso e justo que

escutou o seu grito de oprimido quando estava no Egito e interviu para salvá-lo (Ex 2,23-25)¹.

O respeito pelo estrangeiro e a forte exigência de justiça nas relações sociais (Lv 19, 1ss) encontram forte paralelo em algumas páginas dos profetas e do Novo Testamento. O primeiro passo ressalta a atenção ao pobre e ao estrangeiro na época da colheita (v.9) e o segundo determina «amarás o teu próximo como a ti mesmo» (v.18). As motivações que fundamentam o amor pelo estrangeiro não são de ordem sociológica ou política, mas teológicas: «Eu sou lahweh vosso Deus» (Lv 19,34).

A recordação da experiência no Egito determina como normal em Israel a atitude de acolhida e proteção ao imigrante. "O estrangeiro que habita convosco será para vós como um compatriota, vós o amareis como a vós mesmos, pois fostes estrangeiros na terra do Egito" (Lv 19,33-34; Dt 10,17-19). Ao estrangeiro é reconhecida a possibilidade de enriquecer-se no país que o hospeda (Lv 25, 47) e o direito de asilo na «cidade refúgio» (Nm 35,9-15).

Legislação a favor do estrangeiro

As leis em favor do estrangeiro encontram sua melhor expressão na lei do Deuteronômio. O espírito de amor para com o forasteiro se concretiza em dispositivos legais, medidas humanitárias que, agrupadas, pode-se afirmar que são de natureza econômica, jurídica e religiosa. Na dimensão econômica, sendo os estrangeiros (imigrantes) considerados entre as categorias de pessoas mais desfavorecidas socialmente, a lei prevê uma verdadeira rede de previdência social². Diante dos grupos dos sem-terra, das viúvas e órfãos, dos

estrangeiros, dos levitas, a obrigação de não oprimi-los e nem ferir seus direitos, é desenvolvida em termos positivos: Eles devem tomar parte nas grandes festas culturais com suas ricas refeições (Dt 16,11.14), seu sustento é garantido pelas regras da colheita e da respigagem (Dt 24,19.21), devem ficar isentos dos penhores (Dt 24,17).

Adquire particular importância o passo para o primeiro imposto social da história do povo eleito, quando, a cada três anos, todo o dízimo devia ser destinado aos grupos que não possuíam terra, entre eles o estrangeiro, os quais recebiam uma parte do imposto tradicional destinado ao rei e ao templo (Dt 14,28-29). As primícias da terra oferecidas aos sacerdotes eram distribuídas ao levita e ao estrangeiro (Dt 26,1-11) e para o hebreu era «coisa sagrada» o que pertencia aos pobres (Dt 26,13).

No aspecto ético e jurídico, o estrangeiro era tratado como um cidadão. O motivo dessa moral e solidariedade assim próxima ao Evangelho, era devido ao fato de terem experimentado pessoalmente a condição de imigrante e a convicção de que Deus tem um cuidado especial pelas pessoas frágeis e indefesas, assim como fez com Israel quando estava no Egito. Neste aspecto, dois são os âmbitos mais relevantes: a normativa sobre o trabalho e o direito do estrangeiro ser protegido pelo juiz. A lei de Israel não fala sobre a oferta de trabalho para os estrangeiros, mas protegia o direito ao salário (Dt 24,25), tutelava o repouso semanal do trabalhador dependente (Ex 20,10; 23,12). Moisés prescreve aos juizes uma absoluta imparcialidade e equidade no julgar (Dt 1,16-17). Demonstra preocupação com a distorção do direito do estrangeiro (Dt 24,17; 24,19) e pede gestos de justiça e de respeito, garantidos ao forasteiro

como ao residente autóctone.

Na dimensão religiosa, o que surpreende é que não se fala dos estrangeiros como de uma realidade marginal, confinada nos guetos, mas de gente que habita no meio do povo de Israel. As diversas leis procuram integrar o imigrante na vida religiosa da comunidade de acolhida: podiam participar das festas (Dt 16,9-17) e até admitir o estrangeiro na celebração da Páscoa, se esse fosse circunciso (Ex 12,47-49). E nisso não surpreende que o estrangeiro peça a circuncisão, porque celebrar a Páscoa juntos não é um ato isolado do resto da existência, mas significa uma prolongada comunhão de vida.

A exigência de justiça em relação às categorias indefesas continua como um tema forte na pregação dos profetas (Jr 22,3; Is 58,2.5-7). Ezequiel, em sua visão de futuro, não certamente a descrição da realidade, prevê que no novo país destinado às tribos de Israel, o estrangeiro também terá a sua parte (Ez 47,22). Um dado relevante no aspecto teológico é que Israel deve considerar-se estrangeiro também na pátria: «A terra me pertence e vós sois para mim estrangeiros e hóspedes» (Lv 25,23). E a oração de Davi reassume a relação de Israel com o Senhor à luz dessas experiências (1Cr 29,15).

A terra é promessa, mesmo depois de já estarem inseridos nela. As leis que o hebreu transmite ao imigrante são um instrumento de comunhão, necessárias para a convivência, a paz, a tutela, o respeito recíproco e a promoção da qualidade de vida. A lei é, para todos, princípio de vida, guia ao reconhecimento de um único Senhor, o Deus dos pobres, o Deus de todas as pessoas.

Jesus diante dos estrangeiros

O Novo Testamento não trata do estrangeiro de forma explícita como no

precedente, mas desenvolve o respeito pela vida humana, o amor fraterno, a defesa dos pobres e a solidariedade com os marginalizados (Mt 25). Não se encontram palavras de Jesus equivalentes aos imperativos da lei do AT: «tu não oprimirás o estrangeiro» (Ex 22,20). O fato é que Jesus não veio para substituir a lei, ou os mandamentos (Mt 5,17) e não formula imperativos novos para cumprir a lei, também em relação ao estrangeiro. O Evangelho não impõe mais leis, mas vai além da lei do AT. Revela como mudar o olhar e viver exclusivamente do Evangelho. No estrangeiro, miserável, prisioneiro, Jesus afirma que está lá, em pessoa. É Ele que sofre, que pede, que suplica e tudo o que é feito a um desses pequenos, é feito a Ele (Mt 25,31-46). E se o estrangeiro é Jesus, o apelo é que todo israelita deve abrir-se à compaixão. Então o estrangeiro não será o desconhecido, mas uma presença que sofre, um mistério que se abre.

Nos Evangelhos os estrangeiros aparecem seguidamente caracterizados por uma disposição maior em acolher o dom de Deus, razão pela qual Lucas, de modo particular, ao lado dos pobres, publicanos, pecadores, prostitutas, marginalizados, coloca os samaritanos, rejeitados por serem considerados estrangeiros. Jesus toma partido em favor deles e os torna símbolo da humanidade pronta a acolher o dom da salvação e chega a propor como paradigma do amor fraterno o testemunho do bom samaritano (Lc 10,25-37). As diferenças culturais e étnicas, nunca negadas por Jesus, são superadas no âmbito da fé.

A figura do estrangeiro, da qual Jesus ama revestir-se, tende unicamente a evidenciar a autêntica fraternidade (Mt 25,31-46), via autêntica para o mais genuíno universalismo (Mt 5,46-48). Afirma-

se uma nova visão de pátria, a terra dos viventes (Mt 5,5; 6,19) na qual todos os homens são peregrinos e forasteiros (1Pd 1,1-17).

A ACOLHIDA NA EXPERIÊNCIA DE UM POVO A CAMINHO

A acolhida no Antigo Testamento

A acolhida sempre teve um valor inestimável para o povo de Israel, mesmo antes de ser constituído o povo eleito. O Antigo Testamento usa um vocabulário vasto para descrever a calorosa acolhida oferecida ou negada a uma pessoa ou a um grupo. Delineia o caminho da humanidade confrontada com a alteridade, com incertezas, exclusões, mas também com gestos memoráveis que fazem intuir a possibilidade de um caminho de comunhão, que supera a soleira da indiferença, do medo e da solidão³.

A prática da hospitalidade, já conhecida e praticada na antiguidade⁴, conheceu o seu apogeu junto aos hebreus no período da civilização nômade e dizia respeito às pessoas de passagem, necessitadas de alimentação, água e repouso seguro. Mais tarde, quando já inseridos na terra da promessa, a acolhida hospitaleira, tanto em relação a um irmão, ou em relação a um estrangeiro residente ou somente de passagem, é muito respeitada e esta tem motivações humanas e religiosas, teológicas e históricas. Trata-se de um gesto quase sacramental, porque na atitude hospitaleira, Israel testemunha ter sido estrangeiro no Egito (Ex 23,9) e ter sido acolhido por Iahweh na terra prometida (Dt 8,10), portanto, o estrangeiro que acolhem é sinal do divino no meio deles.

A nova ordem anunciada pelos profetas, em que o escravo, o livre, o órfão, a viúva e o estrangeiro possuem a mesma sorte, é proposta sempre em nome de Iahweh, o tutor dos direitos dos humildes, dos pobres e dos oprimidos. No período do exílio, a comunidade judaica viveu ao lado de povos estrangeiros na diáspora babilônica, mas também na terra de Israel conheceu a co-habitação com estrangeiros (Lm 5,2), tanto que a fase pós-exílica registra situações contrastantes. De um lado, a acolhida ao estrangeiro supera todo o precedente (2Cr 6,32-33) e por outro lado, afirmam-se correntes plenamente hostis e com clara rejeição e separação dos mesmos (Ne 9,2; 13,3), considerando-os «um ser impuro e ímpio», e severas proibições de matrimônios de juízes com mulheres estrangeiras ou a ruptura dos já realizados (Esd 10,2-3.11).

Embora algumas resistências contra os povos estrangeiros, a Bíblia testemunha em páginas estupendas a prática da hospitalidade e revela o quanto era sacro o rito da hospitalidade no AT. O modelo exemplar, representação completa do rito antigo da hospitalidade, é Abraão, o primeiro grande emigrante da história da salvação, quando acolhe os três misteriosos personagens que lhe apareceram junto ao carvalho de Mambré (Gn 18,1-8), nos quais Deus se revela como hóspede e forasteiro; em Sodoma, Lot também acolhe dois misteriosos personagens e acontece uma dramática hospitalidade (Gn 19,1-11); Abraão busca escolher uma esposa de sua gente para seu filho Isaac e envia seu servo à cidade onde habitava seu irmão Nacor (Gn 24,10), pai de Rebeca, e encontra calorosa acolhida (Gn 24,25-26); quando Jacó chegou na casa de Labão, esse correu-lhe ao

encontro, o abraçou, o beijou e o conduziu na sua casa (Gn 29,13).

Este clima de abertura espontânea em relação ao estrangeiro, tipicamente oriental, ainda está presente no tempo de Josué e dos Juízes (Js 2,1-6; Jz 13,15). E Rute, a moabita, encontra acolhida junto a Booz (Rt 2,8-17). A viúva, na cidade fenícia de Sarepta, mesmo na miséria, acolhe com solidariedade o profeta Elias, perseguido e refugiado (1Rs 17,7-19), e inesquecível é a atenção do casal idoso no povoado de Sunan em relação a Eliseu (2Rs 4,8-10). Em Jô, o protagonista lamenta que também a gente que hospeda na sua casa se esqueceu dele (19,14) e Tobias, uma composição pós-exílica, repropõe costumes e tradições antigas (7,8-9).

A acolhida nos Evangelhos

Os autores neotestamentários falam de «acolhida» para propor, em maneira narrativa, os acontecimentos históricos que descrevem a abertura de Deus para com o homem, do homem para com Deus e dos homens entre eles⁵. O NT confirma a práxis hospitaleira do mundo antigo, mas ilumina e aprofunda as suas motivações⁶. Os cristãos não criaram um novo conceito de hospitalidade, mas a inseriram em uma renovada visão de relacionamentos inter-humanos, em que não existem mais amigos ou inimigos, eleitos ou rejeitados, mas todos compõem a grande família dos filhos de Deus.

A acolhida é a virtude evangélica que colocou em contato muita gente com Jesus. Os Evangelhos não falam da vida privada de Jesus, do grau de acolhida que reinava na casa de Nazaré, todavia afirmam que Jesus não esperou que as multidões viessem a ele, mas ele foi ao seu encontro levando sua ajuda e sua palavra.

Jesus é o profeta itinerante (Mt 10,10), desde quando «habitou entre nós» (Jo 1,14). Ele coloca a sua tenda entre os homens, não encontrou hospedagem em Belém (Lc 2,7), viveu a experiência do exílio no Egito (Mt 2,14). Os evangelhos falam d'Ele como de um estrangeiro, que transcorreu sua vida pública itinerante, percorrendo «cidades e povoados» (Lc 13,22; Mt 9,35) e até após a Ressurreição, é hóspede de seus discípulos (Lc 24,13-35).

Antes de propor a lei da hospitalidade, viveu errante e forasteiro na sua terra (Mt 8,20), pediu um copo d'água (Jo 4,7) antes de oferecê-lo aos outros (Mt 10,42), não tinha onde reclinar a cabeça (Mt 8,20) e os evangelhos o apresentam na casa de amigos e adversários, de justos e pecadores. Em Cafarnaum, estabeleceu-se na casa de Simão (Mc 1,29-31), em Jericó aceita a hospitalidade de Zaqueu (Lc 19,5-6), a caminho de Jerusalém se hospeda na casa de Marta e Maria (Lc 10,38; Jo 12,1) e também aceita convites descômodos (Mt 9,11; Lc 7,36-48). Ele não recusa nem mesmo a ajuda que lhe é oferecida pelas diversas figuras femininas que acompanhavam o seu pequeno grupo, sustentando-o com os seus bens (Lc 8,1-3), algo incomum para a sua época.

Em sua missão, Jesus não respeitou as delimitações territoriais que a tradição lhe impunha, não acreditou na superioridade de seu povo sobre os outros e não apenas percorreu a Samaria, mas também a Decápole (Jo 4,7; Lc 9,51; Mc 5,2), as proximidades de Tiro e de Sidônia (Mt 7,24; Mc 5,1), e de toda parte as multidões acorriam a ele (Mt 4, 24-25). Os samaritanos, que haviam negado a hospitalidade a Jesus (Lc 9,53), um dia estes pediram que Ele a aceitasse (Jo 4).

Em aberta polêmica com os israelitas, Jesus faz de um samaritano o modelo de gratidão (Lc 17,18-19) e do amor ao próximo (Lc 10,30-37), sendo um estrangeiro (samaritano) que encarna a misericórdia de Deus, e um outro estrangeiro (um desconhecido) aquele que é acolhido (Lc 10,34). Acrescenta que até o inimigo deve ser acolhido com amor (Mt 5,46-48). Ele mesmo se identifica com o estrangeiro que necessita de acolhida e reconhecê-lo nesta veste é decisivo para a própria salvação: «era forasteiro e me acolhestes» (Mt 25,35).

O comportamento acolhedor de Jesus provocou escândalo entre os homens da lei: «ele acolhe os pecadores e come com eles» (Lc 15,1-2) e Jesus se defende diante deles com as parábolas da misericórdia (Lc 15): eu me comporto assim, porque Deus é assim. Sua atitude acolhedora foi constante até o último suspiro: «hoje estarás comigo no paraíso» (Lc 23,43). Mas Ele não apenas viveu e pregou a acolhida recíproca e verdadeira, mas também prepara os discípulos e os envia em missão contando com a hospitalidade. Enviou-os como missionários itinerantes (Mt 10,5-6) e necessitados de serem hospedados. E, no discurso final (Mt 25,31-46), revela que não apenas se identifica com os seus discípulos, ofendidos e perseguidos (Mt 18,1-5), mas com cada pessoa necessitada.

A acolhida nas comunidades cristãs primitivas

Paulo é testemunha da acolhida recebida nas primeiras comunidades cristãs. Percorre as várias comunidades, sustentando-se com os recursos do seu trabalho, mas também com a acolhida de seus compatriotas e mais tarde dos neobatizados. Em Filipos, aceita hospitalidade na casa de

Lídia (At 16,25), a qual se tornou colaboradora na difusão do Evangelho; em Corinto, encontrou hospitalidade na casa de Áquila e Priscila (At 18,2-3); em Éfeso, permaneceu por longo tempo, sinal que gozava de boa hospitalidade.

Quando Paulo fala de acolhida hospitaleira, exalta as atitudes de hospitalidade como prova do amor cristão, porque neste se realiza o ágape (Rm 12,9) e a atenção fraterna (1Ts 4,9) e exorta: «acolhei-vos» (Rm 15,7) e sejam atentos à hospitalidade (Rm 12,10-20).

Nas Cartas Pastorais, o amor pelo estrangeiro é recomendado em particular aos responsáveis pelas comunidades cristãs, como um dever de seu ofício (1Tm 3,2; 5,10; Tt 1,8). Nas Cartas Católicas, a hospitalidade se torna um dever de todos os membros da comunidade (Hb 13,1-2; 1Pd 4,9) e o exercício da acolhida é um aspecto do ágape, amor gratuito e generoso como aquele de uma mãe. A acolhida cristã supera todas as divergências entre os irmãos, que poderiam isolá-los ou excluí-los e neste sentido, Filemon é exortado por Paulo a acolher o escravo fugitivo, não como um réu a punir, mas como um irmão amado (Fm v.16).

E muito singular é o testemunho encontrado na carta aos Hebreus (13,1-2): «Não vos esqueçais da hospitalidade, porque graças a ela alguns, sem saber, acolheram anjos». Por essa sua práxis, a Igreja primitiva se impôs diante de seus contemporâneos e a hospitalidade tornou-se o principal suporte para a dinâmica de universalismo na atividade missionária, autêntica expressão do ágape evangélico.

Nos primeiros séculos da Igreja, a hospitalidade passa a ser assumida, não mais por respeito a uma tradição, considerada um sagrado dever de

comportamento, mas por causa de Cristo. Em meados do séc. IV, com as peregrinações dos cristãos à Terra Santa e aos túmulos dos célebres mártires, a hospitalidade privada não supria todas as necessidades dos peregrinos e outros necessitados. Surgem então as casas de acolhida, hospitais e outros, expressão evidente da hospitalidade cristã.

Em sua pregação, João Crisóstomo exorta os fiéis a praticarem continuamente a hospitalidade, expressão da fraternidade dos cristãos. Seguidamente retorna ao mesmo argumento: «quando acolhes em casa um peregrino, acolhes Cristo mesmo; se o acolhemos como hóspede, Ele não nos desprezará como peregrinos e hóspedes no Reino dos céus, mas nos tornará participantes da cidade futura; se lhe fazemos uma visita quando está enfermo, logo nos libertará de nossas enfermidades».

Agostinho continuou no Ocidente a tradição de seus predecessores. Afirma que, através da hospitalidade aos mais pequenos, últimos dos irmãos, chega-se a Jesus, que é o pobre, o nu, o indigente (Mt 25,35). Receber um cristão é o mesmo que receber Jesus Cristo e dizia: aprendam, pois, a acolher os hóspedes, nos quais se manifesta Cristo, receba o hóspede do qual és companheiro de viagem, porque todos somos forasteiros e a verdadeira pátria está nos céus. Exercer a hospitalidade é preparar um tesouro nos céus.

CONCLUSÃO

Os elementos bíblicos e teológicos evidenciados nos ajudam a compreender que todos os homens, de todos os povos, raças, religiões e ideologias, foram criados à imagem de Deus e chamados à comunhão com

Ele. No desígnio de Deus de formar uma só família de povos, as migrações se apresentam como um espaço privilegiado, um *kairós* na Igreja, no qual está a oportunidade de demonstrar que a comunhão universal é possível.

A acolhida, desde sempre considerada um valor sagrado, atualmente, na era da globalização, tornou-se uma necessidade que se impõe a todos e, para os cristãos, não apenas uma exigência ética, mas um imperativo evangélico. Cristo pede para ser acolhido nas «mil» faces do outro, do migrante, do estrangeiro, com todas as suas diversidades, que precisa de um espaço para colocar a sua tenda, realidade que exige de todos a passagem do medo e da indiferença, ao paradigma da diversidade.

Espiritualmente, acolher a diversidade pressupõe um desejo e uma atitude em direção ao outro, que supera preconceitos, distâncias e indiferenças. Acolher o migrante é antes uma atitude mental e espiritual que toca a interioridade da pessoa. Sem esta disposição interior, ele continuará habitando na soleira, como um estranho. O reconhecimento da diversidade é um recíproco enriquecimento, um intercâmbio dos bens morais, étnicos, culturais, religiosos, que levam a uma complementação e aperfeiçoamento mútuos. Essa acolhida é expressão de nobreza humana e revela a disposição em conceder aos vários grupos étnicos iguais oportunidades, liberdade de expressão e, sobretudo, de realizarem-se segundo as características e índoles próprias.

Para tanto, é necessário passar da lógica da sociedade multicultural, àquela da sociedade intercultural, passagem da tolerância ao respeito, que leva à perspectiva mais ampla e articulada da solidariedade e da

partilha. Constituir essas comunidades interculturais exige colocar em comum o que Brandel chamava a «gramática da civilização», ou seja, a redescoberta do ceppo antropológico comum, no qual, medos, esperanças e sonhos fazem parte da vida de todos os seres humanos.

Por isso, é necessário estar atentos para acolher a verdade contida na diferença do outro, em particular dos migrantes, que são abertura à novidade inesperada, sacramento de esperança, e as suas diferenças, um caminho privilegiado e permanente para o encontro com o totalmente Outro.

Este processo de acolhida da diversidade exige esvaziamento de si, da própria cultura e, quando esta se abre ao reconhecimento do outro como grupo cultural, certamente emerge do único verdadeiro valor, matriz de todos, a caridade. Em cada cultura, uma pessoa que vive uma espiritualidade profunda, torna-se um princípio de abertura e de comunhão universal. Sabe que nenhuma cultura é absoluta na sua manifestação concreta e histórica e, por isso, está em perene diálogo cultural.

Em última instância, a pessoa espiritual sabe que o único absoluto da cultura, ou seja, as palavras, os gestos e tudo o que compõe o tecido cultural, só poderá salvar-se se colocado a serviço do reconhecimento dos outros e da comunhão. Portanto, uma espiritualidade que acolhe as diferenças, leva a pessoa, a comunidade e toda a Igreja, à «redenção» das culturas, uma antecipação da fraternidade pentecostal, em que as diferenças são harmonizadas pelo Espírito e a caridade se faz autêntica na aceitação da outra pessoa, que é diferente.

*** Ir. Analita Candaten é missionária scalabriniana. Fez doutorado em Teologia na**

**Pontifícia Universidade Gregoriana
- Roma.**

NOTAS

1 - A Bíblia não usa o termo imigrante, mas estrangeiro. No texto o uso que se faz dos dois termos é uma forma de expressar a realidade bíblica na linguagem atual.

2 - A lei em Israel não recomenda a esmola, prática tradicional do mundo antigo e moderno em favor dos pobres. O Pentateuco pede que a compaixão em relação aos pobres tome formas mais orgânicas, menos ocasionais e salve a dignidade daquele que tem necessidade.

3 - A hospitalidade (hoje) pode ser semelhante a de um hotel, que não exige algum grau de participação pessoal, mas prestação de serviços, lógica do dar e receber. A acolhida, ao contrário, se define somente quando se compõe de abertura de ânimo e se traduz em uma disponibilidade operativa.

4 - A hospitalidade representava um costume ancestral no mundo árabe, semita e grego. Ainda hoje os beduínos do deserto praticam a hospitalidade como seus ancestrais de milênios antes de Cristo. O traço que diferencia a hospitalidade na literatura bíblica das outras, é que nela o estrangeiro é o lugar no qual se revela o divino. O dado peculiar da Bíblia é Deus que se revela através do estrangeiro. Antes de ser uma categoria social, o estrangeiro é categoria teológica.

5 - O verbo «acolher» caracteriza a abertura e a disponibilidade típica das relações fraternas e mais que um contato passageiro, trata-se de uma alegre comunhão espiritual, que permite ao hóspede que chega, a partilha daquilo que é mais profundo e vital. O comer juntos é sinal de participação à mesma vida, aos mesmos bens e significa partilhar a mesma alegria de modo muito concreto.

6 - Jesus, no seu anúncio, usa imagens de acolhida para fazer entender o que significa crer n'Ele. Aprofunda radicalmente o sentido quando fala da acolhida de Deus, expressa nas parábolas do Banquete (Mc 22,1-14; Lc 14,15-24): imagens da comunhão que Deus prepara para o homem. Essa comunhão ofertada por Deus é, portanto, o fundamento bíblico da hospitalidade-acolhida.